# Comunicação com compromisso e restrição pessoal - 13/08/2022

O que nós queremos dizer quando dizemos algo? Ou melhor, o que quer dizer,  
“dizer algo”? Ora, assumamos a linguagem como uma capacidade-humana-que-se-  
desenvolveu-evolutivamente[i], etc., isto é, assumamos que em algum momento  
passamos a emitir sons e, em outro, passamos a desenhar símbolos em pedras ou  
coisas semelhantes. Pois bem, o resumo da ópera é que, assim como manuseamos o  
barro ou andamos, também falamos.  
  
Nesse sentido, “falar” ou “dizer algo”, como admitimos aqui, pode ter surgido  
como capacidade-para-superar-alguma-necessidade, qual seja, a de gritarmos  
para espantar o perigo ou para solicitarmos ajuda [de outrem]. Não cabe aqui  
estabelecermos uma ordem de precedência, mas enfatizar esse papel utilitário e  
subjetivo porque, como \_capacidade,\_ a linguagem nos é \_útil\_ e, não menos  
importante, é de cada um, já que da espécie. De alguma necessidade, pela nossa  
hipótese, a capacidade de “falar” surge e se incrementa no “escrever”[ii].  
  
Porém, quando falamos, nós materializamos algo que vem de nosso interior. Por  
exemplo, a feitura de um pote de cerâmica é algo que alguém externaliza, mas  
cada um externaliza “o seu algo” de uma maneira diferente e, aqui, podemos  
postular duas determinantes: a externalização com base no que está dentro (de  
forma autoral) ou a externalização com base no que está fora (se  
adaptando)[iii]. Voltando para a linguagem, nos parece que ao falar, falamos  
de algo interior, algo que é realmente uma extensão material nossa, algo que é  
parte de nós e que parte de nós. E isso significa uma série de coisas a nosso  
a respeito, a respeito de cada falante: um suspiro, medo, alegria. Quando  
falamos, então, trazemos algo de nosso âmago que é sempre um compromisso  
conosco, mesmo que seja um blefe ou enganação, já que podemos,  
inquestionavelmente, ter o compromisso de enganar alguém, seja para nos  
livrarmos de uma situação indesejada ou para tirarmos alguma vantagem[iv].  
  
Epitomando, dizer algo quer dizer materializar em som uma parte de nosso ser e  
isso é um compromisso que cada um tem consigo mesmo. Comunicamos algo cujo  
\_significado\_ é um compromisso que temos conosco, uma parte de nós, \_embora  
haja restrição pessoal\_ , isto é, não temos clareza do que acontecerá com esse  
significado ao encontrar outros \_caleidoscópios de significados\_ (ie[v],  
outras pessoas). Desse modo, nos comunicamos apesar de outrem ou a despeito de  
outrem. Nos comunicamos, como pedra fundamental, independentemente do  
interlocutor.  
  
Mas, não se pode negar que na maioria dos casos há o interlocutor e, aí, o que  
falamos começa a ganhar um \_significado intersubjetivo\_ , respeitando a regra  
do compromisso pessoal, mas com certa adequação, seguindo as regras da  
linguagem e de cada ambiente e contexto. Mas, a linguagem é, antes de tudo,  
algo que parte de um sujeito e, sem ele, não existiria, de modo que qualquer  
análise linguística que tome frases ou expressões sem essa premissa é uma  
análise que se aproxima de um objetivismo abstrato[vi]. Analisar a linguagem  
dessa última forma é teorizá-la, tomá-la matematicamente se valendo de um  
objetivo acadêmico que não leva em consideração os fatos do mundo da vida.  
  
Cabe ressaltar também que, se falamos de um objeto, falamos de algo que é dado  
e pode ser observado por todos, então não é tanto uma expressão cujo  
significado dependa propriamente de nós, mas de uma especulação ou retórica  
consensuada. Entretanto, há casos em que nos é imposta a tarefa de convencer  
para que possamos nos comunicar minimamente e desempenhar nossas atividades  
diárias sem grandes surpresas. Logo, como entendemos, o significado \_sempre\_  
está ligado na verdade individual e depende de nosso poder de explicação e  
persuasão.   
  
Uma palavra ou frase depende da verdade do falante, autor ou proponente. Toda  
frase está associada a alguém e seu valor de verdade só pode ser definido por  
aquelas pessoas. Isso não implica cair em solipsismo pois, pela experiência,  
sabemos que nos entendemos e nos comunicamos de alguma maneira pois  
partilhamos das mesmas estruturas que compõem os membros da espécie. Mas, por  
mais que dependa do formulador, é possível que haja mais que um, pode haver um  
conjunto de formuladores em acordo sobre certos objetos (ou objetivos). Nesse  
ponto, a linguagem é feita de tateio e teste já que falamos algo que  
geralmente acreditamos e testamos a concordância em certos grupos para que ela  
vá se elaborando e se edificando[vii].  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Os termos justapostos enfatizam que se trata de uma descrição.  
  
[ii] Sobre esses pontos, Leroy-Gourhan pode ter algo a nos ensinar. Ver  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/09/a-mao-que-liberta-lidera-mas-  
ate-quando.html>.  
  
[iii] Ou ambos, o que não vem ao caso.  
  
[iv] Não podemos nos esquecer de caras e bocas que são exibidas na linguagem  
falada e que, em muitos casos, são cruciais para o que queremos dizer, assim  
como na escrita há a pragmática, um sentido que “paira” sobre o texto.  
  
[v] Id est, isto é.  
  
[vi] Precisamos investigar melhor esse termo de Bakhtin, mas é como algo  
objetivo sem conteúdo, diferente do vaso de cerâmica que se torna algo  
objetivo concreto. Parece que há, nele, um deslocamento da linguagem  
[objetiva] para o enunciado [subjetivo], mas que não é a tradução de um  
discurso mental interior (moderno, como em Locke ou Berkeley - sobre isso  
falaremos).  
  
[vii] Isso é meio quineano...:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/04/a-nossa-teoria-sobre-como-o-  
mundo-e.html>.